

POSTAGENS EDUCATIVAS EM REDES SOCIAIS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO

EDUCATIONAL POSTS IN SOCIAL NETWORKS ABOUT GENDER DIVERSITY

Lêda Glicério Mendonça (professora orientadora)¹ [leda.mendonca@ifrj.edu.br]

Monique E. Leite Fernandes (discente Fisioterapia)¹ [monique.evelyn.fernandes@gmail.com]

Pablo Vinícius de Souza Ribeiro (discente Farmácia)¹ [pablo.ribeir@outlook.com]

Pedro da Conceição Pascoal (discente Psicologia)² [pedropascoal.psi@gmail.com]

1 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Realengo - IFRJ

2 - Universidade Estácio de Sá, Campus Sulacap - UNESA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever a criação de postagens educativas em redes sociais (*@Instagram* e *Facebook*) sobre a diversidade de gênero oriunda de dados coletados pelo NUGED (Núcleo de Gênero e diversidade sexual) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – *Campus* Realengo, aqui denominado IFCReal. O *campus* em questão possui apenas cursos de formação de profissionais da área da saúde. A coleta de dados consistiu na aplicação e análise de questionários semiabertos disponibilizados pela plataforma *Google Forms* e serviu como um mapeamento das percepções sobre vulnerabilidade de gênero desta comunidade acadêmica. O mapeamento teve o intuito de balizar a implantação de estratégias de acolhimento da população em vulnerabilidade de gênero (mulheres e LGBTQIA³⁺) neste local. No caso específico desse texto, será exposto o percurso do desenvolvimento de postagens educativas que tratam sobre definições e direitos da população em questão para conscientizar a comunidade local e também para quem acessa a rede para entender e acolher esses indivíduos. Os dados obtidos possibilitaram interpretar que a maioria dos respondentes tem dificuldade em dialogar com temática gênero e não sabem reconhecer as vulnerabilidades da população LGBTQIA+. A partir da análise dos resultados o NUGED iniciou a elaboração e publicação de postagens em redes sociais seguindo os seguintes eixos temáticos: 1) transparência; 2) termos e definições LGBTQIA+; 3) Direitos das alunas mães e grávidas; 4) Apoio para vítimas de violência de gênero. O que se pretendeu com as postagens foi fortalecer a discussão sobre o tema e divulgar os direitos deste público que nem sempre estão diretamente acessíveis, garantindo-lhes a permanência e conclusão de sua formação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Educação, Vulnerabilidade, NUGED, Diversidade e Saúde.

¹ Grupo NUGED-SOMOS IFCReal

² Discente de Graduação em Psicologia, colaborador externo e PIVIC.

³ LGBTQIA+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade. Cada letra representa um grupo de pessoas. L (lésbicas), G (gays), B (bissexuais), T (transgênero), Q (*Queer*), I (Intersexo), A (Assexual). O símbolo de "+ mais" no final da sigla aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo. Maiores detalhes acessem: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>.

ABSTRACT

This paper describes the creation of educational posts in social networks (@Instagram and Facebook) about gender diversity based on data collected by NUGED (Nucleus for Gender and Sexual Diversity) of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro – Campus Realengo, here called IFCReal. These education institutions offer only courses to form health professionals. Data collection consisted in application and analysis of semi-open questionnaires posted in Google Forms platform to intend as a mapping of perceptions about gender vulnerability in this academic community. The mapping had intended to guide the implementation of strategies to host the population in gender vulnerability (women and LGBTQIA+) in this place. In this case, this text will describe the development of educational posts about definitions and rights of the population in vulnerability gender for sensibility the local community and also the external internet users to raise awareness to understand and welcome these individuals. It was able perceived from collected data it possible that most respondents have difficulty in dialoguing with gender issues and do not know how to recognize the vulnerabilities of the LGBTQIA+ population and woman. Based on the analysis of the results, NUGED started to prepare and publish posts in social networks whit these thematic axes: 1) transparency; 2) LGBTQIA+ terms and definitions; 3) Rights of mothers and pregnant students; 4) Support for victims of gender violence. What was intended with the posts was to strengthen the discussion on the subject and publicize the rights of this audience, which are not always directly accessible, guaranteeing them the permanence and completion of their training.

KEYWORDS: Gender, Education, Vulnerability, NUGED, Diversity and Health.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o percurso do desenvolvimento de postagens educativas em redes sociais (@Instagram e Facebook) a partir de um mapeamento conduzido pelo NUGED-SOMOS sobre a vulnerabilidade de gênero pela perspectiva da comunidade acadêmica do IFCReal que consistiu na aplicação e análise de questionários semiabertos disponibilizados na plataforma *Google Forms*. O nome "SOMOS" do núcleo de gênero e diversidade sexual surge da ideia de que todos tem o direito de ser e existir no mundo, individual ou coletivamente. É a SOMA de esforços para diminuir as desigualdades sociais que a discriminação de gênero impõe. É a SOMA de todos os afetos. Por acreditar no que diz a constituição que "A educação é direito de todos e dever do Estado e da família" almejamos trabalhar com todos os tipos de combinações possíveis que envolvam as relações entre discentes, docentes, servidores e suas famílias, qualquer que seja o seu modelo.

Em primeiro lugar, torna-se necessário entender o que é gênero, de onde surge e quais são as funções de um NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual).

O IFRJ (IFRJ, 2018), no final de 2018 assinou o Pacto Nacional Universitário pela Promoção do Respeito à Diversidade, da Cultura de Paz e dos Direitos Humanos. O acordo firmado entre o Ministério da Justiça, o Ministério da Educação e as IES (Instituições de Ensino Superior) partícipes apontou como linhas de ação prioritárias, dentre outras, a criação de núcleos dialógicos de pesquisa e extensão, comissões, grupos e linhas de pesquisa com atuação em Direitos Humanos que fizessem o levantamento, produção e difusão de dados sobre violações de Direitos Humanos nas IES signatárias e mensuração dos índices de violência e, para além disso, a instituição de diretrizes e serviços contra toda forma de violência, no combate ao assédio moral, sexual, discriminação e desigualdade em todas as suas vertentes. Dessa forma o NUGED-SOMOS foi criado para sensibilizar atores sociais da comunidade acadêmica do IFCReal para as questões atinentes à vulnerabilidade das mulheres e da população LGBTQIA+

(lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros⁴, *queers*⁵, intersexo⁶, assexuais e demais orientações de gênero). Esse tipo de núcleo existe para promover um ambiente propício para que essa população possa estudar e trabalhar em um ambiente que não os discrimine.

Levando em consideração o que é descrito por Carvalho (2011) sobre gênero e sexualidade, trata-se da ideia de que o sexo é uma base natural, biológica e invariável sobre qual as culturas constroem, por meio da socialização, as diferentes concepções do que seja o homem ou a mulher, quando se pensa nas relações exclusivamente dicotômicas e heteronormativas.

A heteronormatividade é a legitimação da heterossexualidade, de modo que as demais orientações sexuais sejam marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas (LOBÃO, 2019), reafirmado pelo pensamento de que o não cumprimento da heterossexualidade é visto como algo não natural, um desvio da regra social ou anomalia, sendo este um dos agentes de exclusão e vulnerabilidade de LGBTQI+ que reforça a segregação dessa população em espaços de destaque e poder (KOTLINSKI, 2012).

Berenice Bento (2011) no artigo "Na escola se aprende que a diferença faz diferença" utiliza o termo heteroterrorismo para se referir a práticas discriminatórias que inferiorizam a população LGBTQI+. O texto traz relatos de violência de gênero sofrida por pessoas transexuais em sua vida escolar, que, em sua maioria, desistiam da escola devido a este ambiente de hostilidade. Esse mesmo discurso que motiva a evasão escolar e a marginalização de indivíduos transgêneros ou com outras orientações sexuais se repete nos estudos de Robenilson Pereira de Araújo (2016) e Roberta Ribeiro De Cicco (2017), definindo-os como população em vulnerabilidade de gênero, alijados, muitas vezes do direito fundamental à educação. Entende-se vulnerabilidade como o conjunto de fatores de natureza biológica, epidemiológica, social e cultural cuja interação amplia ou reduz o risco ou a proteção de uma pessoa frente a uma determinada doença, risco ou dano e substitui o conceito clássico de fatores de risco (GUILHEM, 2000).

IFCReal oferece à população, de forma gratuita, além do Curso Médio Técnico de Agente Comunitário de Saúde, os cursos de graduação em Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Farmácia, sendo que os dois últimos aparecem no censo do ensino superior de 2017, respectivamente no oitavo e no décimo terceiro lugar dentre os 20 cursos superiores mais frequentados por declaradas mulheres. O curso de Terapia Ocupacional não aparece nesse levantamento. Nenhum dos três cursos aparecem entre as 20 graduações mais procuradas por declarados homens (MEC/INEP, 2018). Este é um indício de que essa população é composta predominantemente de pessoas que se reconhecem como nascidas mulheres, sendo esperado um ambiente mais receptivo para mulheres. O fato de as mulheres buscarem profissões relacionadas à educação e ao cuidado do outro", desde que tenham menos *status* que a medicina já é bastante discutido por muitas estudiosas das teorias feministas, tais como Scott (1995), Schiebinger (2001) e Araújo (2010). Esta escolha é impulsionada pela pressão social de que nascidas mulheres naturalmente são aptas a lidar com tarefas culturalmente relegadas a maternidade e ao cuidar do outro. A própria maternidade em si também é um fator que dificulta a ascensão acadêmica e profissional das mulheres. Um levantamento feito pelo Movimento *Parent in Science* (2021), durante o isolamento social imposto pela pandemia da COVID19, mostra que há diferença na produtividade de docentes que estão conseguindo

⁴ TRANSGÊNEROS são pessoas que têm uma identidade de gênero que difere do típico do seu sexo atribuído ao nascer. Transgênero também é um termo abrangente: além de incluir pessoas cuja identidade de gênero é o oposto do sexo atribuído, pode incluir pessoas que são não-binárias.

⁵ *QUEER*: literalmente, a palavra significa estranho e sempre foi usada como ofensa a pessoas LGBTQ+. No entanto, a comunidade LGBTQ+ se apropriou do termo e hoje é uma forma de designar todos que não se encaixam na heterocisnormatividade, que é a imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade.

⁶ INTERSEXO: substantivo masculino e feminino. Indivíduo cuja genitália, caracteres biológicos e sistema reprodutor não podem ser definidos unicamente como masculino ou feminino, possuindo características secundárias de ambos os sexos.

trabalhar remotamente, dando vantagem considerável para homens (quase o dobro em relação ao percentual de mulheres). Quando a questão maternidade é considerada a diferença é bem maior (4,1% de mulheres com filhos, 18,4% mulheres sem filhos, 14,9% homens com filhos, 25,6 % homens sem filhos). Sobre cumprir o as exigências da academia o panorama é o que se segue: 84,6% dos homens sem filhos; 79,9% de mulheres sem filhos; 77,7% de homens com filhos e 66,6% de mulheres com filhos. Os números demonstram que as pessoas que enfrentam a maternidade, ainda atualmente, são, em grande medida penalizadas com a sobrecarga do ser mãe.

O que não pode ser ignorado nessa apresentação de Produto Educacional é a rápida mudança nas relações humanas impostas pelo isolamento social na pandemia da COVID19. O que antes o NUGED-SOMOS pensava em ações educativas presenciais (rodas de conversa, palestras, mesas redondas), agora se configura em ações virtuais (*lives* e postagens em redes sociais). Sobre uso de internet e redes sociais, Cunha *et al* (2020) comentam que em levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) houve um crescimento 69,8% para 74,7% no acesso de *internet* pela população do Brasil entre os anos de 2017 e 2018 e que redes sociais tais como como *Facebook, WhatsApp e @Instagram* são responsáveis por grande parte destes acessos. Isso deve-se a capacidade de interatividade que possibilita ao internauta acesso à informação e espaço de opinião com certa autonomia. A ideia de se apropriar de espaços virtuais é também compartilhada por Freitas *et al* (2020):

Essa situação torna-se ainda mais latente nos tempos em que o mundo está sendo abalado pela pandemia da Covid-19, momento em que é necessário repensar as relações profissionais, educacionais, pessoais e sociais, uma vez que o distanciamento e o isolamento social se fazem necessários (p.150).

O direito à permanência nos espaços educacionais é, como já foi até aqui brevemente exposto, muitas vezes dificultado por questões relacionadas à sexualidade e, as postagens educativas que estão sendo implementadas pelo NUGED-SOMOS tem a intenção de melhorar este quadro de exclusão na instituição (MENDONÇA, SILVA, TARTARUGA, FERNANDES e RIBEIRO, 2020).

METODOLOGIA

Como já dito anteriormente os temas que foram abordados nas primeiras postagens educativas partiram de um levantamento prévio feito pelo NUGED-SOMOS que consistiu na aplicação de 2 questionários semiabertos, no mês de abril de 2020, disponibilizado através da ferramenta digital *Google Forms*, sendo eles composto por 18 (dezoito) perguntas pensadas para a estruturação de ações educativas pelo núcleo. Por ser um instrumento de coleta de dados mais amplo, focaremos para este texto somente nas quatro perguntas que deram base para a proposição das postagens.

O primeiro questionário⁷ foi direcionado aos docentes, servidores e funcionários terceirizados e o segundo questionário⁸ foi direcionado para os alunos. O questionário para os servidores foi divulgado em e-mail institucional e nas redes sociais do *campus*. O questionário para os alunos foi divulgado pelas redes sociais, enviado convite pelos grupos de *WhatsApp* e e-mails dos diretórios acadêmicos dos cursos de graduação de Farmácia, Fisioterapia, Terapia Educacional e no curso técnico de Agente Comunitário de Saúde.

⁷ https://docs.google.com/forms/d/1KLhPoXPwFR1UO2bkRPA_nL8Qp7i0krHilZ4OEOcGRjA/edit?ts=5ec2bbd4

⁸ https://docs.google.com/forms/d/1Q-VgB1Uyg0d_JBoz5fZtoqZT5naSkjHqkwGM3FzmGKc/edit

Os dados foram coletados, tabulados e gráficos e tabelas foram construídos para orientar a análise. O grupo do NUGED-SOMOS se reuniu virtualmente, por meio do *Google Meet*, no dia 3 de novembro de 2020 para discutir e analisar os dados.

Quatro categorias emergiram dos resultados, originando 4 eixos temáticos de postagens educativas: **1) Transparência** que dá publicidade aos dados que foram coletados pelo NUGED, de maneira que a comunidade acadêmica tome conhecimento sobre o que o está sendo feito pelo núcleo; **2) Termos e definições sobre diversidade de gênero** com o intuito de esclarecer a comunidade acadêmica e a quem mais acessar as postagens sobre o assunto, que ainda na atualidade é pouco conhecido pelo público que não é LGBTQIA+; **3) Direitos das mulheres grávidas e puérperas nos espaços educacionais**, tendo em vista que a comunidade acadêmica é majoritariamente de nascidas mulheres que nem sempre sabem de seus direitos e muitas vezes são coibidas de usufruí-los, prejudicando o seu desempenho acadêmico; **4) Apoio para vítimas de violência de gênero**, dando orientações de como agir em caso de abuso. As postagens foram produzidas e disponibilizadas no período de 2 de dezembro de 2020 até 4 de fevereiro de 2021, num total de 8 postagens.

O desenvolvimento das postagens seguiu as seguintes etapas após a escolha dos eixos temáticos: a) pesquisa para o embasamento teórico de cada postagem; b) elaboração textual; c) escolha e organização da identidade visual da postagem utilizando a plataforma de design gráfico *on-line* Canva®; d) publicação na rede social. As postagens foram feitas por 4 alunos membros do NUGED-SOMOS supervisionados pela coordenação do núcleo.

Após a publicação das postagens utilizamos a própria ferramenta de acompanhamento estatístico oferecido pela plataforma que informa o número de acesso e o perfil de quem acessou a rede social com o intuito de verificar a difusão das informações veiculadas e para poder repensar novas estratégias de maior alcance das mensagens. A consulta dessa ferramenta do próprio @Instagram foi em abril de 2021.

VOZES QUE NÃO QUEREMOS CALAR

Entendemos que o levantamento de dados feito foi uma tentativa de ouvir, mesmo que à distância, as percepções, impressões da comunidade IFCReal no que diz respeito às questões relativas à diversidade de gênero. Passaremos, então, a desvelar os dados que nos retornaram.

De um total de 960 alunos com matrícula ativa no ano de 2020, apenas 37 dos discentes responderam o questionário (aproximadamente 4%). A participação dos servidores foi um pouco maior, apesar de não ser expressiva. O grupo de servidores, no momento do levantamento, era composto por 160 indivíduos. Dentre esses, 83 eram docentes (cerca de 52% do grupo); 62 eram técnicos administrativos (cerca de 39%) e 15 eram terceirizados (cerca de 9%). De um total de 160 indivíduos, apenas 42 responderam, ou seja, apenas 26,2% que quis participar do levantamento. Podemos interpretar com isso que o isolamento social e falta de convívio físico, o que impediu uma abordagem próxima pode ter interferido no retorno, e que não podemos esquecer que a abordagem foi no início da pandemia (abril de 2020), período caracterizado por muitas incertezas e angústias. Outra questão é o próprio "chamamento" feito a participação:

"O objetivo deste levantamento é propor ações necessárias para a implantação e pleno funcionamento do NUGED IFCReal (Núcleo de Gênero e Diversidade, Campus Realengo). A função principal desse núcleo é sensibilizar a comunidade acadêmica a entender e atender as demandas específicas dessa população (mulheres e população LGBTQ+), de maneira que esses indivíduos se sintam acolhidos e integrados na sociedade. Sua participação é voluntária, porém importante. Agradecemos sua participação."

Sendo a participação voluntária, também foi possível inferir que o tema, talvez não seja de interesse da maioria. Devido ao pequeno retorno de respostas, os membros do NUGED acharam por bem fazer uma série temática de postagens sobre a transparência dos dados coletados, de forma que as pessoas pudessem ver o resultado daquilo que responderam numa tentativa de encorajá-las a participar de pesquisas futuras.

Os questionários iniciaram-se com perguntas sobre a caracterização do grupo observado. O percentual obtido dentre os 37 discentes que responderam ao questionário foi de que 40,5% dos alunos pertencem ao curso de Farmácia, 18,9% dos discentes pertencem ao curso de Terapia Ocupacional e 40,5% dos discentes pertencem ao curso de Fisioterapia, sendo que nenhum aluno do curso técnico de Agente Comunitário de Saúde (ACS) respondeu. Esse dado deve-se provavelmente pela dificuldade de contato entre os cursos, principalmente em período pandêmico, já que os alunos que dispararam os links do questionário são dos cursos de graduação e tem pouco contato com os alunos do curso médio técnico que é na modalidade concomitante-subsequente. Os alunos do curso ACS ficam cerca de 3 semestres letivos na instituição, um tempo bem menor do que os alunos de graduação, que permanecem na instituição, no mínimo, de 8 a 10 semestres, dependendo do curso. Esse dado sugere que há a necessidade do NUGED em incorporar ao grupo pelo menos um representante discente do curso médio técnico, na tentativa de diminuir esse distanciamento que esse aluno sente.

Já sobre os servidores, a contribuição de docentes foi majoritária. De um total de 42 respostas recebidas, 34 foram de docentes (cerca de 41% do corpo docente do *campus*) e 8 foram de técnicos administrativos (de um total de 62 indivíduos desta categoria). Não houve retorno dos funcionários terceirizados, que somam 15 indivíduos, provavelmente pelo fato desta população ser flutuante e não se sentir incluída na comunidade acadêmica.

Sobre o sexo biológico ao nascer os participantes da pesquisa são, em sua maioria do sexo feminino (cerca de 73% dos alunos e 78, 6% dos servidores). Levando em consideração que houve baixa adesão nas respostas dos questionários, podemos apenas inferir, por extrapolação, que a maior parte da comunidade acadêmica é composta por pessoas nascidas mulheres. Algumas estudiosas das teorias feministas (SCOTT, 1995; SCHIEBINGER, 2001; ARAÚJO, 2010) dão conta que as mulheres preferencialmente são influenciadas a buscar profissões que sejam diretamente relacionadas ao cuidar do outro, como é o caso dos três cursos de graduação do IFCReal.

Uma questão emergente que foi coletada de forma empírica é a dificuldade que as alunas e servidoras grávidas ou que tem filhos pequenos encontram para poder continuar com suas atividades. No caso das alunas, a maioria não tem o costume de ler os regulamentos internos que informam sobre o regime especial da aluna grávida. Também não há apoio institucional sobre direitos das alunas mães com filhos pequenos. A Coordenação Pedagógica local informou que no ano de 2020 cinco alunas trancaram o curso por problemas familiares, sendo que uma delas declarou de maneira direta que o motivo foi o nascimento do filho. Esses dados são corroborados por Lobão (2019) que comenta que há de fato essa evasão e que muitas vezes a própria mulher é culpabilizada pelo seu fracasso escolar, sem se levar em consideração que, muitas vezes a aluna mãe não conta com uma rede de apoio que lhe favoreça. Há também uma resposta de uma servidora em uma das questões semiabertas em que ela declara sobre maternidade:

"Se declarar cristã e mulher a luz da Bíblia, ou querer ser mãe e cuidar dos filhos em tempo integral é motivo de preconceito. Esse defender minorias tem muito mais a ver com defender quem se pensa ser o oprimido, mas não defende todos por igual. Na verdade, a faculdade já tem é muito incentivo e apoio à cultura LGBT e feminista".

O comentário exposto reflete que a religião influencia de forma direta na opinião dos indivíduos, de maneira que a própria declarante se exclui do fato de ser mulher e ter o seu direito de trabalhar garantido por movimentos feministas, além de repudiar o apoio para pessoas LGBTQIA+, tão necessário. Sobre a religião, Vanazzi (2019) identificou que no Brasil contemporâneo, o fundamentalismo religioso faz com que seus praticantes rejeitem a diversidade de gênero e que, até mesmo as mulheres que professam de uma fé vejam o movimento feminista como uma ameaça a "família tradicional" e os padrões sociais que supostamente mantêm a harmonia social. Ela que enfrenta dificuldades em conciliar maternidade e trabalho, não consegue perceber que o feminismo luta para que a mulher tenha o direito de escolha entre exercer uma profissão ou cuidar da família e que o fato de ela ser obrigada a trabalhar deve ter mais a ver com instabilidade financeira da família do que com o feminismo em si. Estes dados motivaram a preparação de postagens educativas sobre os direitos das grávidas no espaço profissional e educacional

Quando os participantes foram perguntados sobre a orientação sexual, o panorama foi o seguinte: a maior parte dos alunos é constituído por autodeclarados heterossexuais (48,6% - 18 indivíduos), seguido por bissexuais (32,4% - 12 indivíduos) e homossexuais (10,98% - 4 indivíduos). Também foi perguntado sobre a identidade de gênero que nos remeteu como resposta majoritária de pessoas autodeclaradas cisgênero⁹ (88,9% - 32 indivíduos), não-binários¹⁰ (8,3 % - 3 indivíduos) e transgênero (2,8% - 1 indivíduo). Já no caso dos servidores, a maior parte do grupo é constituída por autodeclarados heterossexuais (88,1% - 37 indivíduos), seguido por (9,5% - 4 indivíduos) autodeclarados homossexuais e apenas 1 indivíduo autodeclarado pansexual. Quando inquiridos pela identidade de gênero a resposta foi a seguinte: (92,3% - 36 indivíduos) autodeclarados cisgênero, (5,1% - 2 indivíduos) autodeclarados não binários e um indivíduo que declarou "não sei o que significam os termos, mas já ouvi falar".

Quando os discentes foram questionados sobre a capacidade dos servidores para resolver ou intervir em conflitos originários de diversidade de gênero, 62,2 % (23 indivíduos) dos discentes relataram não acreditar que estes profissionais estão aptos para isso, outros 37,8% (14 indivíduos) afirmaram ter confiança na capacidade destes profissionais em resolver tais problemas. Já a percepção por parte dos servidores sobre sua própria capacidade apontou uma situação pior: (78% - 33 indivíduos) se sentiam despreparados em sanar ou intervir conflitos relacionados a diversidade de gênero, enquanto vinte e um por cento (21% - 9 indivíduos) acreditavam que os professores, técnicos administrativos e terceirizados se encontravam preparados em atuar e intervir nesse tipo de conflito. Isso demonstrou, de fato a necessidade de uma intervenção educativa sobre o assunto. Por isso concordamos que "o educador desempenha um papel importante na reprodução das relações de poder e normalização de padrões sociais, causando assim, a exclusão e o preconceito, além de se silenciar diante desses acontecimentos, fazendo com que estes só aumentem" (BUGADA e BELTHER, 2018). Estes fatores são decisivos dentro do ambiente da educação que favorece a vulnerabilidade de gênero, pois os profissionais da educação (entenda-se aqui como todos os profissionais que trabalham em uma instituição de ensino) exercem papéis importantes e são capazes não só de reprimir violências dentro da sala de aula ou ambiente educacional, tanto como fomentar tais violências. Daí surgiu a ideia de se fazer uma série de postagens educativas sobre diversidade de gênero de maneira a sensibilizar que todos nós somos diferentes uns dos outros e que temos o direito de ser bem acolhidos onde almejamos estar.

Quando o assunto é sobre o silenciamento ou invisibilização dos alunos em sua vivência dentro do IFCReal devido a sua identidade de gênero, 13,5% (5 indivíduos) afirmaram ter sido silenciados ou invisibilizados, 86,5% (32 indivíduos) negaram ter sofrido qualquer tipo de

⁹ CISGÊNERO: Relativo a quem se identifica física e psicologicamente com o seu sexo de nascimento.

¹⁰ IDENTIDADE NÃO-BINÁRIA é um "termo guarda-chuva" para identidades de gênero que não são masculinas ou femininas, estando, portanto, fora da dicotomia homem x mulher.

invisibilização ou silenciamento. Num primeiro momento, pode parecer que há um percentual pequeno de silenciamento, porém, quando comparado ao modo como os alunos se autodeclararam o número que aparece é bem alarmante, tendo em vista que 4 alunos se autodeclararam não-cisgêneros e 5 alunos foram silenciados, ou seja, todos que não se declararam cisgêneros foram silenciados. Há, ainda, o registro de um homem transgênero, um dos primeiros alunos membro do NUGED-SOMOS que abandonou os estudos em 2019 por se sentir excluído e apontado pelos outros alunos de seu convívio como “aquele homem que nasceu mulher” e que não aparece nesse levantamento, mas de qualquer forma é um dado digno de nota. Refletindo sobre essa situação, no contexto brasileiro, a aceitação social de uma pessoa LGBTQIA+ e, em especial, transgênero só é dada se a mesma conseguir atender a todas expectativas atribuídas ao seu sexo ao qual este se autoidentifica, o que provoca uma série de conflitos internos de ordem psicoemocional, caso a sua aparência física não se enquadrar perfeitamente a isso. Lerri (2017) afirma que 98% das pessoas transexuais apresentam ansiedade, 82% surgem com sintomatologias características da depressão e que 73% já haviam tentado suicídio. A não aceitação e violência são naturalizadas no cotidiano dessas pessoas, que acabam sendo excluídas os meios em que transitam apresentando quadros de adoecimento mental e suicídio. A mesma pergunta foi replicada para os servidores, nenhum deles declarou que foi silenciado de alguma forma no exercício de sua profissão.

Mesmo que a sensação de silenciamento e aceitação não tenha sido majoritária, foi pensado pelo grupo do NUGED sobre a necessidade de se criar uma série de postagens sobre apoio para vítimas de violência de gênero, tendo em vista que a opressão e o silenciamento também são formas simbólicas de violência, que muitas vezes podem se materializar em violência física.

AS POSTAGENS @Instagram

É inegável o papel que as redes sociais assumiram na vida cotidiana, e em especial, com o modo de se conectar com o mundo no período de isolamento social imposto pela pandemia do Covid-19. Utilizadas como forma mais rápida de comunicação para os mais diversos fins: contato interpessoal, e-commerce, discutir ou divulgar assuntos de interesse geral como esporte, política, ciência ou simplesmente para emitir opiniões, a internet já vem sendo utilizada como veículo para educação. Pelo fato das ações educativas e de sensibilização presenciais promovidas pelo NUGED terem sido interrompidas foram reforçadas as postagens nas duas redes sociais (*Facebook* e *@Instagram*) que já existiam.

A página oficial do NUGED no *Facebook* foi criada em 24/09/2019. Identificada como uma página educativa que falava sobre o acolhimento da diversidade de gênero, postava informações de datas comemorativas importantes para as mulheres e para a comunidade LGBTQIA+ na intenção de empoderá-los. A página foi invadida e seu conteúdo foi modificado totalmente por desconhecidos no dia 24/11/2020. O conteúdo alterado era uma propaganda de um posto de gasolina em italiano. Foi feita uma denúncia do caso na própria plataforma do *Facebook*. Outra página nos mesmos moldes foi criada em 26/11/2020. Logo que a página foi recriada ela foi conectada com o *@Instagram* oficial do NUGED, de maneira que as postagens originais fossem automaticamente disponibilizadas na página oficial do *Facebook*.

O *@Instagram* foi criado no mesmo dia da primeira página do *Facebook*, 24/09/2019 e o nosso objeto de estudo aqui será as postagens educativas desta primeira rede social, pois elas foram criadas pensando na lógica do *@Instagram* e esse perfil não sofreu nenhum ataque virtual desde sua criação.

Desde a criação do *@Instagram* oficial até o dia da última postagem objeto desse estudo (março de 2021) foram feitas 63 publicações, sendo que as publicações a serem relatadas aqui foram 8. A rede social em foco contou, até abril de 2021, com 237 seguidores e segue

38 perfis, em sua maioria de NUGEDS de outras instituições de ensino, Ligas Acadêmicas e Núcleos de inclusão de outras naturezas.

Série Transparência

Essa série de postagens dá publicidade aos dados que foram coletados pelo NUGED, de maneira que a comunidade acadêmica saiba um pouco mais sobre o que o está sendo feito com as respostas dos questionários que respondem. Foram feitas duas postagens, sendo uma delas a primeira das oito publicações educativas. A fonte dos dados foram os questionários desenvolvidos e aplicados pelo próprio NUGED, mesclados com textos informativos do portal na *internet* da instituição. As informações foram adaptadas para uma leitura mais fluída e simples.

A primeira postagem (Figura 1)¹¹ feita em 2 de dezembro de 2020 tornava público os dados coletados e informava que a resposta aos questionários aplicados tinha a finalidade de melhor conhecer as necessidades de capacitação da comunidade local, desta forma, incentivando que as pessoas respondessem aos questionamentos futuros. Ela teve 34 curtidas e 3 comentários. Martins (2020) anuncia que fomos alçados a uma nova realidade educacional por conta da pandemia da COVID-19 que nos fez repensar todos os dogmas e certezas que tínhamos sobre a educação, de maneira que o uso das redes sociais aproxima, empodera e faz com que os usuários se identifiquem com o conteúdo veiculado.



Figura 1: Tela do @Instagram relativo a primeira postagem da série TRANSPARÊNCIA

A segunda postagem¹² foi em 13 de janeiro de 2021 e informava como que as pessoas que participaram da pesquisa se auto identificavam, traçando um breve panorama sobre diversidade de gênero do local. Ela teve 23 curtidas e um comentário.

¹¹ Link: <https://www.instagram.com/p/CIT5ry0JB3D/>

¹² Link: https://www.instagram.com/p/CJ_rx09Jlnz/

Série termos e definições sobre diversidade de gênero

Essa série foi proposta com o intuito de esclarecer a comunidade acadêmica e quem mais acessar ao perfil do NUGED sobre o tema diversidade de gênero. Também foram feitas e veiculadas duas postagens dessa série.

A primeira postagem (Figura 2)¹³ da série foi feita em 9 de dezembro de 2020 e apresentava explicações sobre identidade de gênero e expressão de gênero, teve 21 curtidas e nenhum comentário. A segunda postagem¹⁴ foi veiculada em 20 de janeiro de 2021 e falava sobre sexualidade e orientação sexual. Todo o conteúdo foi embasado em referências acadêmicas apropriadas, porém com a linguagem simplificada de maneira que o público leigo pudesse entender. A postagem teve 53 curtidas e nenhum comentário.



Figura 2: Tela do @Instagram relativo a primeira postagem da série TERMOS E DEFINIÇÕES SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO

Os estudos sobre gênero apontam que as instituições educacionais são espaços centrais para que se possa compreender a organização das relações de gênero na contemporaneidade (MIRANDA, 2017), mas nem sempre o entendimento e o acolhimento da diversidade de gênero acontecem. O Plano Nacional de Educação 2014-2024 orienta as escolas para atuarem de forma a minimizar os abismos entre a população LGBTQI+ e os espaços educacionais, tornando-os um local que respeite a diversidade tanto social quanto de gênero, permitindo a garantia de ações que promovam a diversidade, visto que, muitas vezes o ambiente educacional exerce papéis delimitadores de vulnerabilidade de gênero em nossa sociedade por conta de fatores morais, religiosos ou até mesmo por desconhecimento.

¹³ Link: <https://www.instagram.com/p/CI18LO4pPt/>

¹⁴ Link: <https://www.instagram.com/p/CKRhXQ8JN4K/>

Série direitos das mulheres grávidas e puérperas nos espaços educacionais

Essa série foi pensada tendo em vista que a comunidade acadêmica é majoritariamente de nascidas mulheres que nem sempre sabem de seus direitos e muitas vezes são coibidas de usufruí-los. Elas enfrentam muitas dificuldades em conseguir exercer de maneira plena o direito de trabalhar e estudar, principalmente se não tiver uma rede de apoio familiar que as auxiliem. Alunas constantemente abordam os membros do NUGED para falar de suas dificuldades e de como que gostariam que houvesse um local físico próprio para deixar os filhos próximos ou pudessem amamentá-los. E para além disso, enfrentam também incompreensão de professores. Os relatos aqui citados são corroborados por pesquisa conduzida por Reis (2017) sobre alunas grávidas e recém mães em Instituições Federais de Ensino Superior. O texto dá conta de que mesmo que existam normas que apoiem a gravidez e a maternidade nem sempre é concedido à contento e de maneira que a aluna consiga de fato acompanhar as atividades de maneira proveitosa ao seu aprendizado e que também sua permanência nos estudos é dificultada pela tarefa socialmente atribuída à mulher de cuidar em tempo integral de sua prole.

A primeira postagem (Figura 3)¹⁵ dessa série foi feita no dia 17 de dezembro de 2020, com 14 curtidas e dois comentários. Tratava do direito ao regime domiciliar educativo para gestantes, que nem sempre é oferecido à aluna à contento.



Figura 3: Tela do @Instagram relativo a primeira postagem da série DIREITOS DAS MULHERES GRÁVIDAS E PUÉRPERAS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

¹⁵ Link: <https://www.instagram.com/p/CI6CYvapFv/>

A segunda postagem¹⁶ foi publicada em 27 de janeiro de 2021, com 25 curtidas e um comentário. As fontes utilizadas para a preparação dessas postagens são as legislações específicas sobre as políticas públicas de apoio às estudantes grávidas e o próprio regulamento interno da instituição. As postagens foram pensadas no sentido de oferecer a informação de maneira gradual e com linguagem acessível.

Série apoio para vítimas de violência de gênero

A proposta dessas postagens é poder informar os caminhos que as pessoas que são vítimas de violência de gênero podem buscar para serem amparadas e a situação apurada e resolvida, embora é sabido que qualquer tipo de violência sofrida deixa marcas. No caso, de fato, ainda não houve no *campus* violência física, mas sim outras formas de violência, tais como silenciamento, não dando voz e vez a estas pessoas e assédio moral no sentido de reprimi-las na sua forma de ser e no direito de estar. Bugada e Belther (2018) afirmam que essa exclusão é, na maioria das vezes, causada devido à cor, orientação sexual, classe social ou até mesmo pelo sexo. Em meio a esse movimento, a instituição escolar tornou-se um espelho da sociedade moderna: excludente, hierárquica, dominada e marginalizada, fazendo com que os alunos não se sintam acolhidos neste ambiente, característica que, muitas vezes, causa a evasão dos próprios.

A primeira postagem (Figura 4)¹⁷ da série foi publicada em 23 de dezembro de 2020, com 28 curtidas e um comentário. A segunda postagem¹⁸ foi disponibilizada no dia 4 de fevereiro de 2021 e contou apenas com 9 curtidas, sem nenhum comentário.



Figura 4: Tela do @Instagram relativo a primeira postagem da série APOIO PARA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO

¹⁶ Link: <https://www.instagram.com/p/CKkcWQ5pGvI/>

¹⁷ Link: <https://www.instagram.com/p/CJJ7NZFp5f9/>

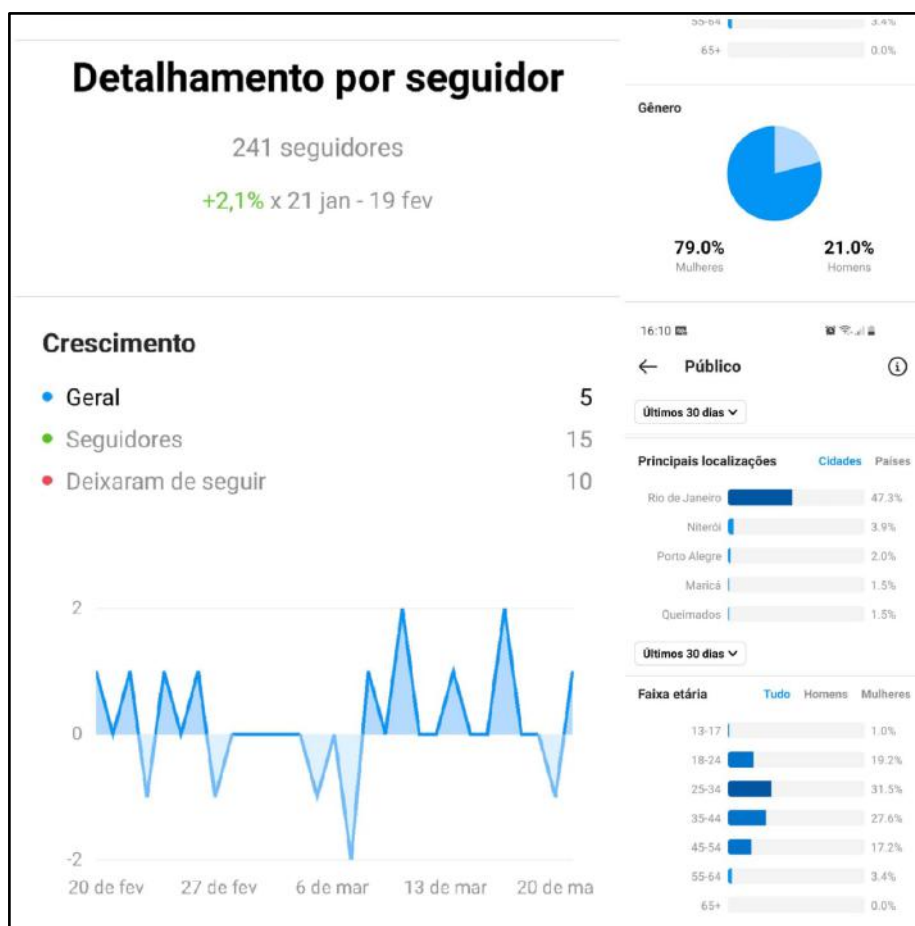
¹⁸ Link: <https://www.instagram.com/p/CK4OYntpX2J/>

A principal fonte utilizada para a construção das postagens foi o trabalho de Filipe Rodrigues (2019). Este trabalho é fruto de um programa de residência médica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e foi desenvolvido no Centro de Saúde Municipal (CSM) Heitor Beltrão, um dos poucos no Brasil que oferece o tratamento para redesignação de gênero. Havia nesse CSM um centro de estudos aberto aos acadêmicos interessados no assunto até o momento do surgimento da pandemia da Covid-19, onde os membros do NUGED também tomaram parte em rodas de conversa para o acolhimento e orientação dos pacientes e familiares. Outros textos também foram usados, principalmente a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (BRASIL, 2013).

CURTIR OU NÃO CURTIR? EIS A QUESTÃO!

Temos em mente que avaliar o número de “curtidas” que cada postagem recebe nem sempre é sinal da real visibilidade, pois muitas vezes o internauta pode apenas ler a postagem sem interagir. A estatística fornecida pelo próprio *@Instagram* fornece dados globais de acesso e foi possível apurar um crescimento de 2,9% de interação de conteúdos e 2,1% de seguidores entre fevereiro e março de 2021. O público alcançado é majoritariamente da cidade do Rio de Janeiro o público é, em grande parte, composto por declaradas mulheres conforme mostra o gráfico 1, retirado do próprio perfil do *@Instagram*:

Gráfico 1: Estatísticas do @Instagram



Data: coletado em 20 de março de 2021

Os números fornecidos pela própria plataforma refletem que é necessário aperfeiçoar as estratégias de abordagem do público-alvo, pois a visibilidade ainda é baixa, porém, em princípio o perfil foi criado para postagens educativas direcionadas originalmente para a

própria comunidade acadêmica, sem deixar de ter interesse em um público mais amplo. É sabido também, que há a comercialização em torno da visibilidade de perfis, porém esse não é o foco do trabalho aqui proposto. Também há o fato de que os meses de dezembro e janeiro, geralmente as pessoas estão com a atenção mais direcionada para festejos de final de ano e férias, tirando um pouco o foco de outros assuntos. No que diz respeito às definições de gênero os administradores da rede social também confundem o termo gênero com sexo de nascimento, pois os usam como sinônimo. Desta forma, ainda há muito o que se fazer na conscientização e na educação da população e até mesmo nos administradores da própria plataforma em relação ao tema diversidade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados foi possível verificar como a comunidade acadêmica do IFCReal não se vê preparada a entender e a se relacionar com as especificidades das vulnerabilidades de gênero, de mulheres e da população LGBTQIA+ dentro do ambiente de ensino. Os alunos não se sentem seguros e nem acolhidos pelos educadores e gestores para relatar os casos sofridos ou testemunhados de homofobia por entenderem que estes não estão plenamente capacitados para intervir. Dessa forma o primeiro elo de confiança já é rompido e esta cadeia de violência de gênero só vem aumentando, tornando presente a vulnerabilidade de gênero.

Todas essas formas de violência, físicas ou simbólicas, são herança de uma época que se encarava a não heterossexualidade como aberração, o que era chamado, de maneira generalizada e pejorativa, de homossexualismo. É necessário, por isso, garantir o direito de quem assim se reconhece chegar a ter a oportunidade de buscar condição digna de vida. Essa afirmação também é válida para a mulher mãe que sofre com as dificuldades de sua condição de ser mulher e ter que arcar, na maioria das vezes, sozinha com a maternidade.

As questões aqui ponderadas encorajaram a produção de postagens educativas no @Instagram sobre o tema "Diversidade de gênero", tendo em vista que a pandemia da Covid19 nos obrigou a repensar as formas de interação, aumentando de maneira substancial a criação de perfis em redes sociais não apenas para o lazer, mas também para fins educativos e de sensibilização de público para assuntos específicos.

As postagens produzidas e disponibilizadas foram subdivididas em 4 séries temáticas de acordo com os dados previamente coletados por meio de questionários virtuais: 1) transparência; 2) termos e definições LGBTQIA+; 3) Apoio para vítimas de violência de gênero; 4) Direitos das alunas mães e grávidas. O período das postagens aqui descritas foi entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, o que pode ter interferido de algum modo na interação do público. O número de membros inscritos no perfil e o número de curtidas das oito postagens são ainda baixos, o que nos encoraja a pensar em outras estratégias de abordagem do público. De qualquer maneira o trabalho continuará. As futuras ações pretendem se estruturar em processos que rompam com estereótipos da sexualidade pautados na dicotomia homem-mulher na tentativa de se diminuir os conflitos estruturados em pilares biológicos, religiosos e políticos engessados. A intenção é de contribuir com a formação de cidadãos empáticos e acolhedores.

Agradecimentos

As bolsas concedidas pelo CNPq e IFRJ.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, D.B. A Ciência e as relações de gênero. **Estudos IAT**, Salvador, v.1, n.1, p. 4-17, jun. 2010.

ARAÚJO, R. P. **Gênero, diversidade sexual e Currículo: práticas discursivas de [não] subjetivação no ambiente escolar.** Rio de Janeiro: Ed. Metanoia. 2016.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas.** v. 19, n.2, 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** Brasília, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf. Acesso em: 18 mar 2019.

BUGADA, V.C.; BELTHER, J. M. Homofobia e violência de gênero: uma análise das violações de direitos e do preparo e da abordagem do tema pelos professores no IFSP. **IV Congresso de Educação Profissional e Tecnológica – CONEPT.** Araraquara, [s. l.], setembro 2018.

CARVALHO, M.P. O Conceito de Gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, v. 16, n, 46, p 99-265, jan-abr 2011.

CUNHA *et al.* Postagens em rede social digital como meio de divulgação científica. **Revista Diálogos Acadêmicos,** Fortaleza, v. 9, n. especial, dez. 2020. P: 22-26. Disponível em: <http://revista.fametro.com.br/index.php/RDA/article/view/296>. Acesso em 18 mar 2021.

DE'ICCICO, R.R. **Diversidade sexual, escola e família: contribuições para a prática de ensino.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências. Rio de Janeiro, 2017. Fundação Oswaldo Cruz.

FREITAS, T. P.R.; SILVEIRA, J.B A.; / COSTA, P. M.M.; MICELI, B.S.; ROCHA, M.B. Museus de ciências em tempos de pandemia: uma análise no @Instagram do museu da vida. **Revista Práxis,** v. 12, n. 1 (Sup.), dezembro, 2020. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/3483>. Acesso em: 25 mar 2021.

GUILHEM, D., 2000. *Escravas do Risco – Bioética, Mulheres e AIDS.* Tese de Doutorado, Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília.

KOTLINSKI, K. Diversidade sexual – Uma breve introdução. **Revista Digital Boa Forma Inteligente.** 2012.

LERRI, M.R.*et al.* Características Clínicas de uma Amostra de Pessoas Transexuais. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia.** Universidade de São Paulo, p. 545-551, 2017.

LOBÃO, I. (2019). *O poetry slam na educação e divulgação científica: sexualidade e empoderamento feminino na eja.* **Trabalho de Conclusão de Curso** de Pós Lato-sensu. Disponível em:

https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/Mesquita/posedc/iasmim_lobao_armindo.pdf. Acesso em: 4 jan 2021.

MARTINS, R. X. A covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **EmRede - Revista de Educação a Distância,** v. 7, n. 1, p. 242-256, 15 maio 2020.

MEC/INEP. **Censo da Educação Superior 2017.** Brasília | DF | setembro de 2018.

Diretoria de Estatísticas Educacionais – Deed. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file_

MENDONÇA, L.G., SILVA, D.S.F., TARTARUGA, J.T., FERNANDES, M.E.S.L., RIBEIRO, P.V.S. "NUGED SOMOS" e as percepções sobre diversidade de gênero em instituição de ensino pública na zona oeste do Rio de Janeiro. **VI Encontro Nacional de Ensino de Ciências**

da Saúde e do Ambiente. Rio de Janeiro-UNIRIO, 2020. Disponível em: <https://eneciencias.wixsite.com/2020/rodas-de-conversa>.

MENDONÇA, R.H.; JOCA, A.M.; TORRES, M.A.; *et. al.* Educação e Diversidade Sexual. TV Escola, Programa Salto para o Futuro. Ano XXI, **Boletim 04**. maio, 2011. 45 p.

MIRANDA, A. P. M.; MAIA, B.; Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, n 49 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v23n49/0104-7183-ha-23-49-00177.pdf>. Acesso em: 29 out 2020.

PARENT IN SCIENCE (2021). Informativo Mulheres e maternidade no Ensino superior no Brasil. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf. Acesso em 21 jul 2021.

REIS, S. A.S. Ser mãe na universidade: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizas acerca das políticas de assistência social de uma IFES. 2017. 31 f. **Monografia (Graduação em Administração)** - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

RODRIGUES, F.T.T. Anexo 4. In: RODRIGUES, F. T.T. Redes de atenção à saúde e população trans: obstáculos, recursos e possibilidades. Orientador: Marcele Bocater Paulo de Paiva. 2019. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Programa de Residência Médica em Medicina de Família e Comunidade) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. p. 59.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 20, ed. 2, p. 71-99, 1995.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker Bauru: São Paulo: EDUSC, 2001, 384p.

VANAZZI, B.M.R. **Religião, Identidade e Mentalidade Fundamentalista: Gênero e Sexualidade no Brasil. Repositório CEUB Educação Superior.** Brasília: CEUB, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13416>. Acesso em: 3 ago 2021